

Espaços culturais negros na cidade de Goiânia

José Eduardo Ferreira Faria Santos¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho é oriundo de uma pesquisa de mestrado em andamento sobre espaços culturais negros - artísticos e políticos - de construção recente na cidade de Goiânia. A pesquisa se desenvolve a partir de uma vivência particular, do sujeito pesquisador, onde já vivenciou às atividades artísticas culturais dos espaços culturais negros: Sertão Negro e o Quilombo Cultural Orum Aiyê.

Sertão Negro, espaço idealizado pelo artista Dalton Paula e pela pesquisadora de audiovisual Ceíça Ferreira, é um ateliê e escola de artes localizado no loteamento Shangry-la, na região norte de Goiânia existente (ou criado em) desde abril de 2021. O Quilombo Cultural Orum Aiyê está localizado no loteamento Morada do Bosque, também na região norte de Goiânia, idealizado e coordenado por Marcelo Marques e Raquel Rocha, ambos artistas corporais, circenses e de matriz africana.

O objetivo geral da pesquisa é inicialmente abordar o que se pode apreender de espaços culturais negros urbanos na cidade de Goiânia. Dentre os objetivos específicos, estão: caracterizar o que são espaços culturais negros; definir a

¹ Discente do Programa de Pós-graduação em Geografia, IESA - UFG 2025-2027. Especialista em Docência na Educação Superior pelo Centro Universitário Claretiano (2021) Bacharel em filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (2020). Membro do Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e Espacialidades (LaGente) IESA-UFG.

importância dos espaços na formação do sujeito negro, especialmente nas dimensões culturais e políticos; encontrar as raízes dos espaços culturais negros em territórios negros, a exemplo dos quilombos.

Destacamos primeiramente a importância de reconhecer espaço onde a cultura negra e o corpo negro estão em disputa e em lugar de existência e valorização desses corpos. Nesta fase, selecionamos conceitos e terminologias a se dedicar: espaço, cultura e corpos negros, e também, quilombo.

O que define um espaço cultural? Quais características? Haver músicas, danças, artes plásticas, espaço onde se entrega um entretenimento, ou que entreguem cultura. E o que caracteriza os espaços culturais negros? O público que frequenta ou o que o espaço entrega enquanto ambiente artístico e cultural de referência negra: rodas de samba, capoeira, rap, hip hop, grafite, pintura em cerâmica e gravura.

Ao colocar a conotação étnico-racial, podemos determinar o lugar dos sujeitos também, exemplo o “lugar do negro” (Gonzalez, 1988). Esta é uma ideia colonial aristotélica de que existe lugar natural para cada pessoa ou raça. Mas compreendemos a ressignificação de tal abordagem de pensamento. Neste caso, compreendemos que ao falarmos sobre a dimensão étnico-racial trazemos pessoas quilombolas como sujeitos étnicos e também pessoas indígenas que frequentam os espaços culturais negros. Quando se diz respeito a corpos negros estamos falando de sujeito raciais ou racializados.

Um espaço cultural negro carrega raízes em uma ancestralidade ligada ao quilombo e uma herança africana que sustenta tais espaços. Logo um protagonismo negro aparece e assim começamos a compreender o que caracteriza espaços

culturais negros; a pessoa negra que frequenta esses espaços caracteriza a visão que outros sobre os espaços, nem sempre pessoas negras serão maioria, mas será uma parcela significativa e relevante para a continuidade existente dos espaços.

Na cidade de Goiânia existem espaços de cultura negra físicos com estruturas e espaços sem estruturas e paredes, mas com a existência de pessoas negras e expressão da cultura negra. Na presente pesquisa, temos como exemplos de lugares com paredes e estruturas fixas: o Sertão Negro, Batuca G, Águas de Menino, Quilombo Cultural Orum Aiyê; talvez eu seja um tanto ingênuo de pôr também, porém posso citar de memorável os ateliês e estúdios de beleza afro focados em cuidados com os cabelos crespos e fazem penteados artísticos africanos, bem como o Ateliê Afro cultivado e Afro Dan Tranças.

Há exemplos de espaços sem paredes e estruturas físicas: baile black, quintal da nega (evento de samba), norocity (evento da cultura hip hop de uma região periférica da capital Goiânia). Esses espaços são lugares de identificação por ligação de indivíduos negros e grupos que reconhecem como espaços de expressão da cultura negra.

O que nos diz Nascimento (2021): trata-se do quilombo (kilombo), que representou na história da população negra um marco na sua capacidade de resistência e organização. Todas essas formas de resistência podem ser compreendidas como a história do negro Brasil. Espaços culturais negros estão associados em sua grade de atividades, eles buscam assimilar-se as atividades dos quilombos normalmente em sua circularidade seu jeito de vivências em roda, como rodas de samba, coco e capoeira. Os espaços acompanham o pensamento de Beatriz Nascimento: o quilombo nasce da possibilidade de criar uma sociedade alternativa, com valores, práticas e experiências próprias, assim, de suma importância para a continuidade de tradições afro-brasileiras, preservação da memória e reivindicações sociais.

Segundo Beatriz Nascimento (2021)

Este momento de definição da nacionalidade faz com que a produção intelectual se debruce sobre este fenômeno buscando seus aspectos positivos como reforço de uma identidade histórica brasileira. Mas não só nela; em outras manifestações artísticas o quilombo é relembrado como desejo de uma utopia (p. 163-164).

Os espaços culturais constituem-se enquanto negros quando se assemelha e compreendem-se enquanto um espaço de aquilombamento; não se determina a partir de um olhar simplista ou reduzido ao entendimento individual, para ser reconhecimento o espaço e o espaço reconhecer as pessoas negras onde se assemelha ao quilombo como o quilombo também procura assemelhar-se com espaços culturais negros como “... o quilombo se assemelha aos outros territórios e/ou lugares, fixos ou móveis, como os bailes black, os terreiros, a escola de samba e as congadas (ou reinados)” (RATTS, 2012, p. 230)

Notas de rodapé trazendo onde cada espaço foi traçado pelas pensadoras/es e geógrafas/os que já estudam sobre esses espaços móveis ou fixos, Alex Ratts (2012):

Os chamados bailes black aconteciam em Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e noutras cidades e eram frequentados por pessoas participavam do processo de reorganização do movimento negro nos anos 1970. São bastante mencionados pelos/as ativistas (GONZALEZ, 1982, NASCIMENTO, 1989 e outros[as]) e podem ser considerados espaços (ou territórios) negros temporários, flexíveis.

Nos anos 1980, alguns(umas) intelectuais negros(as) se aproximam do candomblé e procuram discutir sua importância cultural e também socioespacial, especialmente do terreiro (SODRÉ, 1988).

Da mesma forma que aconteceu com o candomblé e os terreiros, alguns(umas) intelectuais negros(as) ativistas se aproximam de escolas de samba. É o caso das autoras em foco que trabalharam com a escola Quilombo, da qual um dos criadores é o sambista Candeia (GONZALEZ, 1982; RATTS; RIOS, 2010). (RATTS, 2012, p. 230).

Esses são espaços culturais negros moveis, onde a cultura é diversa, agregando e aglutinando corpos negros em lugares de destaque, curtição, resistência e existências, de maneira mais eficaz; um espaço seguro onde os corpos negros são valorizados, vivos e dançantes.

Este estudo se aproxima de outros realizados para a cidade de Goiânia, como um afoxé (Teixeira e Ratts, 2009) e a congada (Damasceno e Ratts, 2015).

Onde os corpos negros estão sendo valorizados? Em que sentido? Ou mais os corpos negros estão sendo valorizados enquanto corpos negros? Tais perguntas quero responder com o seguinte artigo. Passando por conceitos como espacialidade, território, corpo, corporeidade e para fins de compreensão o desejo por lincar a luta do corpo negro enquanto sujeito narrador e fonte de saberes.

METODOLOGIA

Enquanto proposta metodológica caminharemos por uma análise bibliográfica de pensadoras e pensadores negras/os geógrafas/os e de áreas afins que estudaram e trouxeram perspectivas sobre os conceitos a que debruçarmos neste artigo. Os espaços culturais negros como prática de uma resistência das pessoas e coletividades negras, é parte uma pesquisa em andamento, então a metodologia encabeçada será análise bibliográfica e trazer um pouco de relato de experiência particular sobre os espaços culturais negros.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para pensar em espaços culturais negros nós pesamos nessa interlocução com os quilombos, comunidades tradicionais, precisamos trazer pensadores que discutem quilombos, geografia cultural, trajetórias espaciais, geografia humana e espacialidade.

Com a formação do quilombo o povo negro em diáspora mostra a sua forma de desenvolver uma autêntica luta coletiva possibilitando o aquilombar, pois a historiadora Beatriz Nascimento nos diz, o quilombo nasce da possibilidade de criar uma sociedade alternativa, com valores, práticas e experiências próprias, assim, de suma importância para a continuidade de tradições afro-brasileiras, preservação da memória e reivindicações sociais.

O quilombo é visto como lugar de possibilidade, mudança, alternativa política de resistência, tem sua origem etimológica em África: “o quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de língua bantu. (kilombo, aportuguesado: quilombo).” (Munanga, 1995/1996, p. 58). Assim, afirmo que analisar as origens etimológicas podem contribuir para compreendermos como a linguagem também é usada como resistência.

Beatriz Nascimento (2021) faz com que o conceito de quilombo seja ressignificado dentro dos processos históricos e sociais do negro no Brasil. No livro *Eu sou atlântica* sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento, o professor Alex Ratts³ nos diz:

“Não podemos aceitar que a História do Negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa História, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os enganando. Só assim poderemos nos entender e fazer-nos aceitar como somos, antes de mais nada, pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa História é outra como é outra nossa problemática (RATTS, 2006, p. 38-39).

Para Nego Bispo, uma perspectiva de educação quilombola ou criação quilombola “todas as vivências, todas as vidas nascem e são criadas até a fase adulta” (Fonseca, 2022, p. 76). A singularidade dos espaços culturais voltado para pessoas negras, pensando como quilombos e ousar dizer estruturados como quilombos urbanos, podem proporcionar vivências e experiências de uma educação conectada aos quilombos e aos saberes pertencentes às comunidades racializados.

Ratts 2006, apresenta uma noção de quilombo urbano, ligado a ideia de espaços culturais negros, que por anos foram marginalizados em espaços coloniais e construíram seu espaço próprio nascido de uma tradição do quilombo e de terreiros:

Assim é a noção de quilombos urbanos, conceito com o qual ela ressignifica o território/ favela como espaço de continuidade de uma experiência histórica que sobrepõe a escravidão à marginalização social, segregação e resistência dos negros no Brasil (Ratts, 2006, p.11).

O negro ressignifica a ideia de marginalização construído seus espaços para assim seu corpo-território e sua trajetória seja valorizadas, até mesmo na sociedade colonial, espaços como o Sertão criado por Dalton Paula e Ceíça Ferreira, hoje são renomeados e procurados pela sociedade colonial, visto que estão em peso nas galerias de arte e bienais pelo Brasil e pelo mundo.

O corpo negro sempre luta pela liberdade, tanto que cria espaços alternativos, sociedades (quilombos) tudo em nome da liberdade do seu corpo-território, está em Ratts:

Parece uma operação simples dar prioridade ao “negro” e não ao “escravo”, mas aqui se aponta para uma coletividade e para indivíduos que, apesar dos vários processos de expropriação de seu espaço, de seu corpo, de suas relações, do uso de seu tempo, procuram o fio da liberdade e nele se sustentaram até onde foi possível (Ratts, 2006, p.41).

Os espaços negros são criados por negros, por que já foram afastados dos espaços criados pelo colonizador, para que corpos negros não acessassem e nem tivesse os privilégios de estarem neles, seja a academia, salões de artes, e espaços da cultura do sujeito branco (colonizador). Mas em um nível de produção cultural e de cosmovisão dos quilombos, com um adendo específico a saberes afro-brasileiros e africanos, os espaços que eu cito (Sertão Negro, Águas de Menino, Batuca G, Quilombo Cultural Orum Aiyê) buscam se pôr no mundo enquanto um quilombo já colocado por Beatriz Nascimento o lugar da possibilidade de existir e existir enquanto quilombo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta fase, o primeiro passo é a identificação e delimitação dos espaços culturais negros a serem estudados no decorrer da pesquisa. Portanto, cabe destacar como se desenvolve um espaço cultural negro, como e por que esses locais são identificados e percebidos por pessoas negras.

O reconhecimento por parte dos espaços culturais as pessoas negras que os reconhecem como espaços seguros e com possibilidade de valorização dos corpos negros enquanto vivência a corporeidade e modulam ou rotulam o corpo negro e o reduza ao embranquecimento, trazendo a necessidade de um corpo negro existir no mesmo padrão físico e estético de corpos brancos europeus.

Espaços Culturais negro em Goiânia estão trabalhando em uma interlocução com comunidades tradicionais e quilombos. O Sertão Negro observando prontamente sua forma de produção de cultura, se aponta enquanto um quilombo em formação. A cosmovisão cultural tornando uma cosmo-cultura, jeito de viver, forma de observar a vida, forma de atuar no mundo é de um quilombo.

Pensando nos residentes artistas, frequentadores e coordenadores ou lideranças do espaço, nos mais velhos desse espaço, pensando uma ideia de terreiro os mais velhos ensinam os mais novos e comunidades tradicionais (quilombos) também usam da ideia de aprendizagem e transferência de saberes, a passagem é dos mais velhos para os mais novos, por isso necessário pedir licença até para escrever sobre.

Acreditando em uma tradição de terreiros e que o axé (Força vital) cria espaços, (Sertão Negro, Águas de Menino, Batuca G, Quilombo Cultural Orum Aiyê); percebo que as espacialidades negras joguem a norma e se materializam sem espaços físicos, através das pessoas, das lideranças, membros, e de sujeitos que trazem consigo o axé, como nos afirma Sodré 2019:

O axé é capaz de gerar espaço. Isto é o que fica explícito em depoimentos de "antigos" dos terreiros, como o citado "oluô". Referindo-se à iyalorixá Aninha, que morou muitos anos no Rio de Janeiro (onde fez várias iniciações importantes), ele comenta: "Aninha não tinha nenhum terreiro no Rio, mas tinha axé." Isto quer dizer que a força produzia o espaço necessário à sua atividade (Sodré, 2019, p.104).

Os espaços que fazem uma interlocução com as comunidades tradicionais quilombolas pensando saberes, transferência de saberes, construção e formação espaço, onde escolheu estabelecer seu terreno fixo, de cosmovisão e forma de produzir cultura. Além da forma de produzir cultura, observamos a forma de agregar os saberes africanos, afro-brasileiros e ancestrais que cada residente, aluno e mestre do saber (Professor) traz para confluir com o espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços culturais negros podem ser frequentados por várias pessoas, não necessariamente apenas corpos negros, mas em torno das lideranças, coordenadores e fundadores, encontramos o protagonismo negro. O espaço cultural acompanha o quilombo e o "quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural" (RATTS, 2006, p. 124).

Quando se pensa em existência de corpos negros, precisamos pensar em todas as formas de existir, por isso de existir enquanto quilombo, um espaço de autoafirmação, um espaço de cuidado, com a identidade, com uma cultura de valorização da vida de pessoas negras onde: "O corpo negro plural constrói e qualifica outros espaços negros, de várias durações e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem. Para Beatriz Nascimento, a África e o Quilombo são terras-mãe imaginadas" (RATTS, 2006, p. 59).



Sertão Negro (Choupana) Foto Paulo Rezende



Ateliê aberto com o artista Joelington Rios Foto: Ceíça Ferreira



Sessão Cineclube Maria Grampinho Foto: Marcelo Ramalho